



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

**CONFISSÕES DE UM INFLUENCIADOR DIGITAL EM CRISE:
A LITERATURA IMPRESSA COMO RECURSO CATÁRTICO**

**CONFESSIONS OF A DIGITAL INFLUENCER IN CRISIS:
PRINTED LITERATURE AS A CATHARTIC RESOURCE**

Jennifer da Silva Gramiani Celeste¹
Juliana Gervason Defilippo²

Resumo: O presente estudo pretendeu congregar as publicações literárias impressas da autoria de blogueiros e *youtubers* adolescentes ocorridas entre janeiro de 2008 e dezembro de 2016, totalizando 105 livros. Dentre esses lançamentos, observou-se um expressivo predomínio de títulos categorizados enquanto relatos autobiográficos, fato que nos remeteu à realização de discussões atreladas ao papel desempenhado pelos atos de escrita e leitura na vida dos jovens em processo de formação, uma vez que as publicações foram assinadas por influenciadores digitais adolescentes e destinadas aos seus pares. Então, frente a essa circunstância, optamos por nos debruçar sobre esse tal fenômeno deveras comum no universo de livros produzidos por e dedicados aos jovens, em sua maioria, nativos digitais, algo que tornou evidente a promoção de encontros entre pares pela via do ofício literário, além da abordagem de temas cativos a essa parcela populacional por aqueles que os experienciam. Nesse caminhar, auxiliá-mos estudiosos diversos, tais como Alberto Manguel (2004), Michèle Petit (2012) e Nádia Laguárdia de Lima (2015), a título de menção. Assim, a Literatura demonstra-se apta a atuar como um relevante local de descortinamento das angústias e dos anseios tipicamente inerentes ao adolecer, servindo como ponto de encontro ou partida possível ao diálogo entre ídolos e fãs, agora, também viável sobre as páginas de celulose e não mais somente por intermédio das manifestações em postagens virtuais ou interações em *chats*.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Relato autobiográfico. Influenciadores digitais.

Abstract: The present study intended to bring together printed literary publications authored by adolescent bloggers and *youtubers* that occurred between January 2008 and December 2016, totaling 105 books. Among these releases, there was an expressive predominance of titles categorized as autobiographical reports, a fact that led us to carry out discussions linked to the role played by the acts of writing and reading in the lives of young people in the training process, since the publications were signed by teen digital influencers and aimed at their peers. Thus, given this circumstance, we chose to focus on this phenomenon that is very common in the universe of books produced by and aimed at young

1 Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro Universitário UniAcademia (2018). E-mail: djeceleste@gmail.com.

2 Pós-Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2020). Professora do Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: defiju@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

people, mostly digital natives, a fact that made evident the promotion of meetings between peers through the literary profession, in addition to addressing themes that are captive to this portion of the population by those who experience them. In this journey, various scholars help us, such as Alberto Manguel (2004), Michèle Petit (2012) and Nadia Laguárdia de Lima (2015), by way of mention. Thus, Literature is able to act as a relevant place to unveil the anxieties and yearnings typically inherent to adolescence, serving as a meeting point or possible departure for the dialogue between idols and fans, now also viable on the pulp and no longer just through manifestations on virtual posts or interactions in chats.

Key words: Youth literature. Autobiographical report. Digital influencers.

1 Introdução

Como alçarmos perspectivas ao futuro da Literatura em cenário predominantemente digital? Na efemeridade ditada pela *World Wide Web*, o futuro acontece agora e, portanto, não somente a Literatura, mas outros setores dedicados à cultura tiveram de se reinventar a fim de lograr conquistar um espaço cativo entre *likes* e *shares*. Decerto, o fenômeno de publicações literárias impressas da autoria de influenciadores digitais, prevalente a partir do ano de 2010, contribuiu sobremaneira à diluição da prerrogativa apocalíptica sitiada no fato de que o papel enquanto suporte ou materialidade perderia o seu poderio na contemporaneidade eletrônica e, atrelado a isso, o exercício literário seria então destituído do valor a ele outrora delegado.

Fundamentada na necessidade de se compreender as entrelinhas do novo horizonte que se esboçava diante dos olhos daqueles preocupados com os rumos tomados pelo fazer literário na atualidade, na qual se equilibrar entre analógico e digital faz-se essencial à sobrevivência, nossa pesquisa de Mestrado na área de Letras, intitulada *O livro nos tempos de #likes: transfigurações na literatura brasileira contemporânea*, defendida no ano de 2018, cumpriu com o propósito de mapear o território da produção de títulos literários impressos em meio à era tecnológica, com especial atenção aos livros assinados por produtores de conteúdo digital – também populares como influenciadores digitais –, os blogueiros e *youtubers* adolescentes.

Tal estudo considerou a manufatura impressa ocorrida entre os anos de 2008 e 2016, sendo coletado ao levantamento realizado um total de 220 livros, dos quais 105 obras foram selecionadas à análise por terem sido escritas por internautas adolescentes. De maneira geral, esse processo de pesquisa nos conduziu a acessar dados interessantes a respeito desses títulos, especialmente se vislumbrados no contexto inerente ao mercado editorial brasileiro de livros.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Para além das questões de cunho técnico trazidas à tona pelos materiais, revelou-se o domínio de obras associadas ao gênero do relato autobiográfico, o que nos alertou para o debate acerca da presença desses conteúdos em meio aos muitos títulos produzidos por pretensos escritores.

Impelidos a explorar esse microuniverso viabilizado pela possibilidade de escrita por sujeitos na fase do adolescer, este artigo se propõe a apresentar o referido recorte de nossa dissertação de Mestrado. Para tanto, trouxemos à luz alguns diálogos teóricos liderados por autores diversos – Alberto Manguel, Michèle Petit e Nádia Laguárdia de Lima, por exemplo – em contraste às constatações e observações que emergiram do mapeamento de dados.

2 Entre pares, algumas confissões...

Ao lançarmos um atento olhar sobre os dados contemplados pelo mapeamento, faz-se perceptível a expressiva quantidade de obras literárias, produzidas por celebridades digitais adolescentes, as quais possuem as mais diversas alcunhas, como é o caso dos diários cujos registros devem ser confeccionados por seus leitores; dos relatos autobiográficos de autoria própria; dos enredos ficcionais baseados em histórias reais; e, até mesmo, das biografias de aclamados internautas assinadas por outros usuários da inter-rede. Essa evidência também foi observada por Leyla Perrone-Moisés na obra *Mutações da literatura no século XXI* (2016): “[...] outra vertente cara aos escritores e leitores contemporâneos é aquela das narrativas de vida: testemunhos, biografias e autoficções [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 260).

Os blogueiros e *youtubers* adolescentes de nosso levantamento produziram livros que assumiram a função de diários. Tais lançamentos obtiveram grande sucesso, já que contaram com o auxílio de uma interessante estratégia de *marketing*: foram liberados e distribuídos para comercialização quando próximo ao término de seus respectivos anos de lançamento, a fim de que o público pudesse iniciar os seus registros no ano seguinte. Aliás, a ideia seria realmente esta: a realização de confidências e compartilhamento de segredos com um famoso internauta no transcorrer de um ano completo, sem interrupções. As obras foram destinadas aos públicos feminino e masculino. Alguns exemplos são *Diário de beleza teen: minha vida em um ano* (Astral Cultural, 2016), da autoria de Mariany e Nathaly Petrin; *O diário de Maisa: um ano*



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

inteiro comigo! (Gutenberg, 2016), da atriz e *youtuber* Maisa Silva; e *Um ano muito louco com Luis Mariz* (Astral Cultural, 2016), do jovem produtor de conteúdo digital Luis Mariz.

Nesse domínio literário, observamos a existência de diários dos próprios internautas, que emergem da esfera privada à pública, agora de outra maneira, já que a exposição de fatos corriqueiros sobre suas vidas pode ser também facilmente acessada nos *posts* dos *blogs* ou nos vídeos dos canais do *YouTube*. Pensando nisso, é interessante refletirmos que a partir do advento dos *blogs* e de outras redes sociais do gênero, podemos sustentar a suposição de que tais ferramentas poderiam ser capazes de substituir os famigerados diários de papel – o que por algum tempo pôde ser realmente averiguado, principalmente entre a parcela mais jovem, a maioria responsável pela popularização das postagens virtuais acolhidas pelo meio *online*.

Todavia, estaria essa dinâmica de produção literária impressa direcionando o processo de escrita novamente às suas origens? Do papel à Internet, estaríamos de volta às páginas inteiramente escritas à mão? Esses registros íntimos configuram-se relatos autobiográficos, verdadeiras extensões das vidas dos influenciadores digitais ou, ainda, afoitas tentativas de aproximação em relação aos seus pares, via Literatura, demonstrando-lhes que enfim dividem sentimentos e incertezas análogas, alguns dos elementos particulares à fase da adolescência.

Em *A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica* (2014), a pesquisadora Nádia Laguárdia de Lima fundamenta os registros dessa natureza com base no fato de que os jovens têm necessidade de se situarem no tempo, uma vez que as transformações corporais e emocionais provenientes da fase vital relativa ao adolecer ocorrem de maneira brusca, em velocidade inapreensível, o que pode resultar em uma desorientação espaço-temporal. Ainda, afirma que “[...] há, portanto, uma tentativa de reter esse tempo da adolescência, tão fluido e instável [...]” (LIMA, 2014, p. 292). O registro de fatos a partir da escrita ou da gravação de vídeos, portanto, está apto a oferecer aos jovens a ilusão de apreender essa tal temporalidade.

Segundo Lima (2014), produzir um texto a respeito de si próprio não se figura como prática recente. Na Antiguidade, os registros de abordagem fundamentalmente autobiográfica se faziam bastante comuns. Aliás, tornava-se de caráter público o seu conteúdo, assim como hoje ocorre nas redes sociais, ação possibilitada pela gênese da *World Wide Web*. Essa escrita autobiográfica, explica a estudiosa, só se tornou possível a partir do advento da modernidade e,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

junto a ela, do nascimento de uma concepção moderna de indivíduo. Assim, no decorrer do século XIX, pôde-se acompanhar a expansão desse registro por intermédio dos diários, que traziam à tona relatos íntimos e confessionais, essencialmente associados aos jovens sujeitos. A autobiografia surge como premissa para a realização de reflexões relativas à existência, proporcionando aos indivíduos diaristas a compreensão de si enquanto alguém imbuído de valores e sentimentos, constituinte da grande massa populacional (LIMA, 2014). O discorrer de cunho autobiográfico “[...] tem como objeto o ‘si próprio’, a autoanálise da história de uma vida, a narração da própria vida [...]” (LIMA, 2014, p. 57, grifo da autora), e os diários produzidos durante o século XIX já apresentavam marcas de reflexão subjetiva, envolvendo “[...] a busca da revelação do oculto, do não-dito, do indizível [...]” (LIMA, 2014, p. 29). Tais particularidades assumem ainda na contemporaneidade um caráter atemporal, transcendendo as barreiras do tempo, visto que podem ser facilmente evidenciadas nos atuais relatos pessoais produzidos por adolescentes – suposição esta embasada no conteúdo apresentado pelos livros do gênero em questão, todos eles abarcados pelo supramencionado mapeamento de dados.

Inclusive, cabe dizermos que alguns dos produtos literários trazidos por nosso estudo, majoritariamente considerados enquanto autobiografias, foram catalogados como detentores e difusores de técnicas de autoajuda. Perante a esse cenário, citamos os títulos *Tudo tem uma primeira vez* (Intrínseca, 2016), de Vitória Moraes, e *O diário secreto: não abra!* (Verus, 2016), de Gustavo Stockler, ambos *youtubers*. O referido achado decerto nos auxilia a pensar a respeito da capacidade imanente a esse específico tipo de escrita: fazer com que o indivíduo em questão torne-se competente para melhor assimilar suas objeções, favorecendo o curso do processo cujo fim corresponderia ao alcance do autoconhecimento. Isso, alicerçado na partilha de concepções, experiências e vivências, algo realizado por outro alguém, por exemplo.

É em meados do século XX e a partir da virada deste, que a escrita em diários torna-se quase unanimidade entre os jovens, teoriza Lima (2014). Sobre as suas páginas, escrevem a respeito de temáticas diversas em uma tentativa de empreender profundas análises da vida, organizando-as e construindo sentido para momentos que remontam ao passado, ao presente e que virão a fazer parte de seus futuros, de acordo com aquilo o que creem. O público jovem, em sua maioria, confecciona registros confessionais, abordando impressões a respeito “[...] de



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

suas atividades diárias, de seus sentimentos, experiências, valores, ideais, relações afetivas, vida social e familiar [...]” (LIMA, 2014, p. 183). Para aqueles que efetuam a leitura das obras autobiográficas, Alberto Manguel, a frente de *Uma história da leitura* (2004), aponta-nos que tais sujeitos são capazes de encontrar, livro após livro, traços característicos de suas trilhas. Recorre à citação de Virgínia Woolf, intuindo complementar o seu argumento: “[...] anotar as impressões que temos de *Hamlet* à medida que o lemos, ano após ano, seria praticamente registrar nossa autobiografia, pois, quanto mais sabemos da vida, mais Shakespeare faz comentários sobre o que sabemos [...]” (MANGUEL, 2004, p. 11, grifo do autor).

Conforme trazido por Lima (2014), contando com o auxílio das facilidades ofertadas pela Internet, os jovens diaristas resolvem publicar os seus diários – utilizando-se dos textos escritos em *blogs* ou vídeos de suas rotinas no *YouTube*, transformando-os em produção de natureza sociocultural, revelando segredos e intimidades aos seus semelhantes. No entanto, esses relatos de caráter pessoal tomam outras configurações ao serem editados e distribuídos ao longo das páginas dos livros: não somente na grande rede torna-se possível se identificar com os seus pares; o suporte livro, agora, é também mais uma opção aos usuários da Internet.

Dentre os livros do gênero diário ou relato autobiográfico, destacam-se os volumes pertencentes à série *Precisava escrever* (Vieira, 2015), do blogueiro Rafael Magalhães; *Diário da Aninha Carvalho* (Giostri, 2015), da influenciadora Ana Carvalho; *Diário de um adolescente apaixonado* (Novas Páginas, 2015), escrito por Rafael Moreira; *O diário do japa* (HarperCollins Brasil, 2016), de Mauro Morizono Filho; *Não é um conto de fadas: e se tudo tivesse dado certo?* (Hyria, 2016), de autoria da *youtuber* Kim Rosa Cuca; *As merdas de um youtuber* (Hyria, 2016), de Gabriel Gomes; *Olá meninas e meninos!* (Outro Planeta, 2016), assinado por Taciele Alcolea, *youtuber*; e *Minha vida antes do invento na hora* (Outro Planeta, 2016), de Lucas Lira, dentre outros, haja vista o expressivo número de obras.

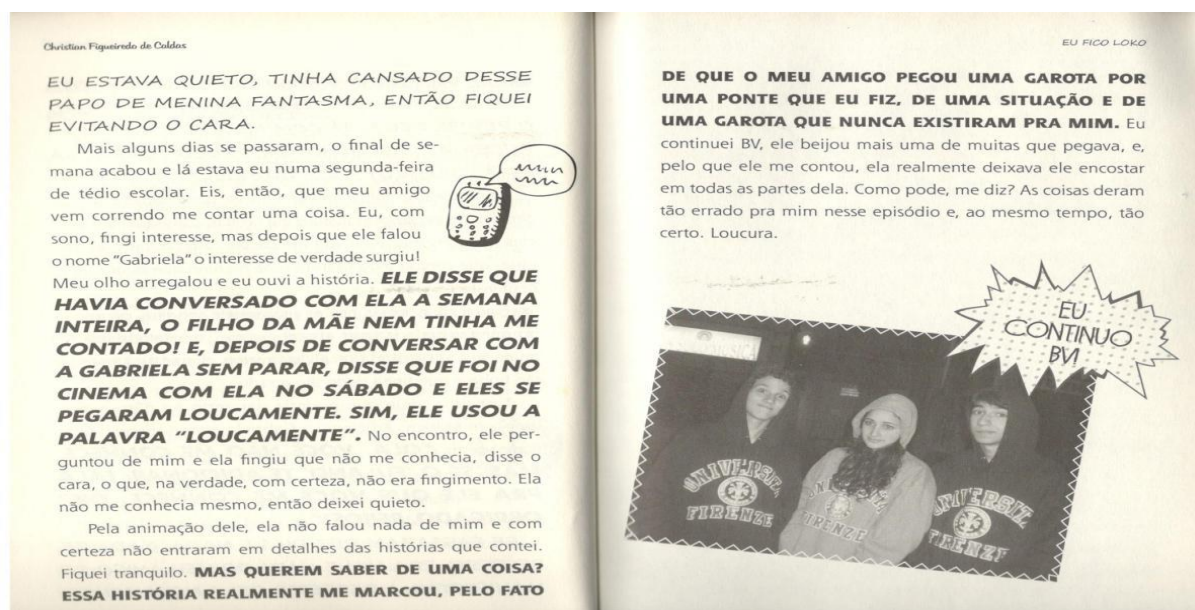
É preciso sobrelevar o fato de que as páginas desses livros em formato de diários ou relatos autobiográficos aproximam-se daquelas dos tradicionais diários manuscritos: os textos são manufaturados com fontes diversas, de diferentes cores e tamanhos, e possuem ilustrações dos próprios autores ou suas fotografias. Constituem-se, assim, como suportes personalizados e cujo manuseio incita autorreflexões ao leitor enquanto aquele que foi – reportando-o à fase



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

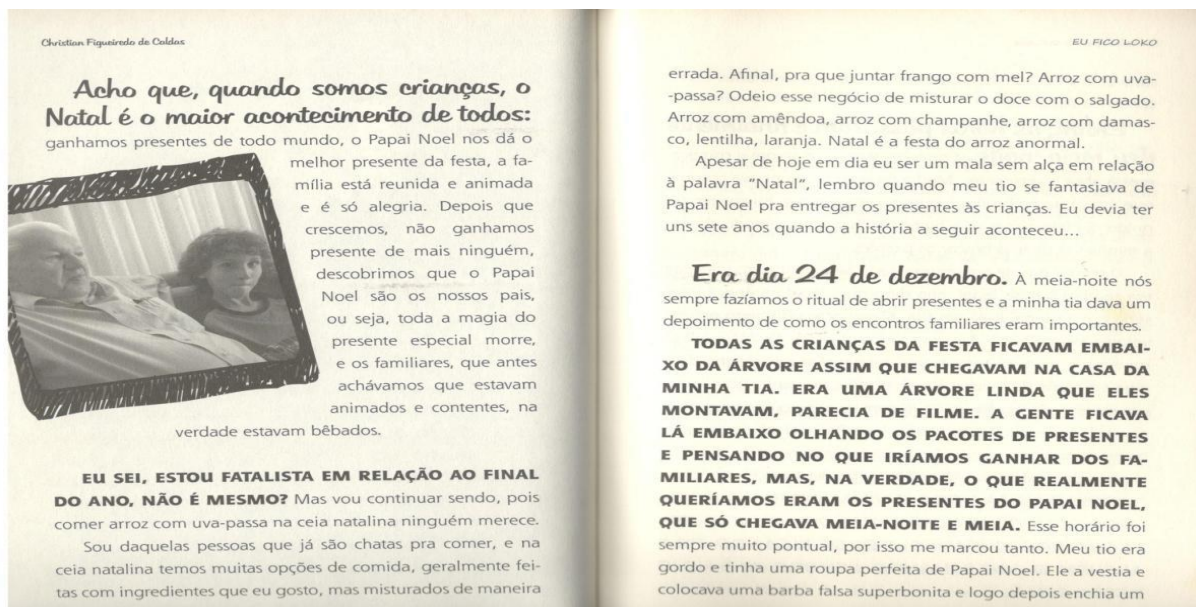
da infância – ou aquele que é – trazendo-o de volta à sua adolescência –, ou acerca de suas memórias afetivas e sociais. Os próprios leitores desses títulos, por intermédio de *unboxings* ou *reviews* postadas em suas redes sociais, possibilita-nos comprovar as descrições vinculadas à caracterização dos produtos literários em destaque. Com a finalidade de apresentarmos as peculiaridades que assinalam esse gênero, recorreremos a um material original (**Figura 1**):

Figuras 1 e 2 - Páginas do livro do youtuber Christian Figueiredo





08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Fonte: FIGUEIREDO, Christian. *Eu fico loko*: as desaventuras de um adolescente nada convencional. São Paulo: Novas Páginas, 2015, p. 36-37; p. 92-93.

Ainda no que diz respeito aos relatos compartilhados por esses jovens, o mapeamento demonstrou-nos a publicação de obras cujos gêneros alternam-se entre autobiografia e ficção. Os autores utilizam como pano de fundo as suas próprias histórias de vida e elementos destas, como por exemplo, amigos, familiares, lugares e rotinas, para criarem narrativas ficcionais baseadas em fatos reais. É o específico caso dos livros assinados pela blogueira Bruna Vieira, os quais constituem a trilogia *Meu primeiro blog* (Gutenberg, 2013), e dos volumes da trilogia *Não se apega, não* (Intrínseca, 2014), de Isabela Freitas, a título de simples menção.

A partilha de experiências intrínsecas, em geral comuns no decurso da adolescência, equivale ao mote presente em considerável número de livros produzidos pelos internautas: *Diário de classe: a verdade* (Gutenberg, 2014), de autoria da *facebooker* Isadora Faber, relata a luta que empreendera devido aos problemas relativos ao ensino público e à infraestrutura de sua escola; *Quem, eu?: uma avó, um neto, uma lição de vida* (Paralela, 2015), de Fernando Aguzzoli, apresenta aos leitores a descrição dos últimos momentos da vida de sua avó, vítima da Doença de Alzheimer; *Papai jovem: não suma, assumo!* (Panda Books, 2016), assinado por



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Guilherme Fuoco, blogueiro, traz à tona o olhar de um rapaz que durante a juventude viu-se diante do desafio de se tornar pai e posicionar-se em relação à função da paternidade; por fim, *Meu nome é Amanda* (Fábrica 231, 2016), de Amanda Guimarães, *youtuber*, compartilha com os leitores a história de superação de um garoto que diante de sua não identificação quanto ao seu corpo e à sua subjetividade, decide-se por realizar uma cirurgia para mudança de sexo.

Em contrapartida, verificamos a existência de dois livros, selecionados no transcorrer da elaboração do levantamento de dados, escritos por blogueiros adultos – suas formações acadêmicas aconteceram na área de Jornalismo –, cujos temas fundamentaram-se nas histórias de vida das jovens celebridades digitais. No que tange às biografias, temos *Sophia Abrahão*: numa outra (Paralela, 2016), de Camila Fremder, que apresenta aos seguidores da então atriz e cantora alguns de seus relatos autobiográficos. No nicho literário relativo à autoficção³, pode ser citada a obra *PC Siqueira está morto: fragmentos de uma vida digital* (Suma de Letras, 2016), de Alexandre Matias, o qual se alterna entre questões particulares e reais sobre a vida de Paulo Cezar Siqueira – popularmente conhecido na rede pelo *nickname* PC Siqueira – e passagens ficcionais, o que concede a esta narrativa um aspecto *non sense*. Seguramente, a publicação de obras tais como essas pode ser tida como mais um indício de que os criadores de conteúdo têm feito jus ao *status* de celebridade, tendo suas histórias de sucesso como foco do interesse de outros internautas e, por conseguinte, também das editoras. Compreendemos esse tal movimento como detentor de extrema voracidade, porque a partir dessa constatação podemos ser capazes de averiguar um inquietante desejo de se conhecer ao máximo tudo a respeito dos influenciadores digitais lançados via Internet para o Brasil e o restante do mundo.

O papel de exímia relevância do livro, do ato da leitura, assim como da Literatura, materializa-se nas colocações de Michèle Petit, mais precisamente em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2012). A antropóloga teoriza acerca dos diálogos que passam a ser instituídos entre autores e leitores por meio dos registros presentes nas produções literárias,

³ O termo autoficção foi usado pela primeira vez pelo escritor e crítico literário francês Serge Doubrowsky, no romance *Fils* (1977). A autoficção corresponde ao gênero literário que contempla obras cujos enredos combinam estilos até então paradoxalmente contraditórios: a autobiografia e a ficção, por exemplo. Portanto, refere-se àquilo que comumente denominamos como autobiografia ficcional. No Brasil, os principais expoentes desse gênero são Marcelo Mirisola, Ricardo Lísias e Sérgio Sant'Anna.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

expondo o quão importantes se fazem, e mais do que isso, pertinentes aos jovens: “[...] talvez seja porque o outro o diz melhor do que eu [...]” (PETIT, 2012, p. 75). O leitor vivencia de maneira intensa e integral a descrição das angústias e dos sentimentos apresentados por aquele que assina determinada obra. Dessa maneira, emanam do espectador força e vitalidade que o faz se encontrar entre as linhas de relatos e confissões. Entretanto, o leitor não consome de modo passivo o material de leitura que fora depositado em suas mãos (PETIT, 2012). Em um contato primeiro com o produto, apropria-se dos vocábulos e das expressões, dos sentidos e dos significados que possam vir a elucidá-lo. Mescla, amiúde, suas percepções com aquelas expostas pelo autor. A execução desse exercício, conforme nos é enunciado pela especialista, configura-se como trabalho de natureza psíquica que auxilia na gradual construção da figura social do leitor. Uma íntima relação, então, é estabelecida por este com o autor chegando ao ponto de até mesmo fazê-lo voltar-se contra seus iguais. A leitura torna-se desterritorializante, abrindo ao leitor em formação novos horizontes e outras perspectivas, conduzindo-o, assim, a ultrapassar as soleiras de suas famílias, seus círculos sociais, lares, enfim, de suas vidas. O ato sobre o qual aqui discorreremos apresenta a esse tal indivíduo a oportunidade de se transcender e transcender o universo que já lhe é conhecido – uma corajosa prática transgressora.

O exercício de autoconhecimento parece ser demasiado comum no contexto de livros que abarcam registros autobiográficos ou similares, em consonância aos títulos literários colocados em exposição neste breve estudo. É possível isso exemplificarmos ao trazer uma interessante passagem extraída da obra *Eu fico loko*: as histórias que tive medo de contar (Novas Páginas, 2015), assinada por Christian Figueiredo, famoso *youtuber*. O livro possui inúmeras temáticas devidamente introduzidas por questionamentos realizados pelo autor, o que contribui para que os leitores sintam-se acolhidos. Além disso, observamos a linguagem e o tom despretensiosos por meio dos quais aborda tópicos certamente temidos por muitos de seus pares. São esses alguns dos elementos aptos a conceder ao seu texto um caráter que induz a proximidade entre as partes. Notabilizamos, a tempo, o fato de que esse *youtuber* também contata seus fragmentos de vida ao propor-se escritor. Aqui, a assertiva de nossa autoria – “[...] à Literatura, talvez, frente ao investimento na materialidade do conteúdo digital, possa ser atribuída mais uma função, dentre diversas outras: tornar o caminhar dos jovens permeado por



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

luzes, e não somente por obscuridades [...]” (CELESTE, 2018, p. 111) – parece encontrar mais um local de acolhimento. Afinal, autor e leitor tecem caminhos mútuos de alteridade.

Logo a seguir, eis um excerto da obra capaz de ilustrar nossa anterior descrição:

Vocês se dão bem com seus pais? Como eu sempre falo, a relação com meus pais sempre foi a melhor possível! Zero cobrança, cem por cento amizade, compreensão e companheirismo. Mas eu queria trazer a história de um amigo. Nunca me senti confortável em contar sobre ele (para não expor algo que foi tão difícil na época), porém hoje me sinto preparado para falar sobre isso (FIGUEIREDO, 2015, p. 54, grifo do autor).

A Literatura pode muito, ademais de possuir um papel vital a ser cumprido, segundo nos encoraja refletir Tzvetan Todorov, autor de *A literatura em perigo* (2010). Seu parecer se embasa no fato de que é a Literatura que irá nos estender a mão ou oferecer auxílio necessário quando nos encontrarmos deprimidos ou descrentes das verdades que nos são cotidianamente impostas. Contudo, apesar dessas premissas, o referido crítico nos esclarece que a Literatura não corresponde a uma entidade que contempla técnicas meramente dedicadas aos cuidados para / com a alma. Na realidade, orienta-nos a nos transformarmos – o que decerto acontece com os adolescentes internautas em processo de formação humana, escritora e leitora.

3 Considerações finais

Embora o ambiente virtual esteja cada vez mais impregnado na sociedade atual de modo a se fazer uma extensão de cada sujeito – e não mais um espaço paralelo –, parece-nos que na Literatura tal compreensão ainda se vê fragilizada. Isso, porque muitos estudiosos, e a própria academia, ainda ignoram a produção literária oriunda desse espaço. O presente artigo e, ademais, a dissertação que a ele deu origem, demonstram que o espaço virtual tem se tornado um ambiente extremamente fértil para o fazer literário, especialmente quando nossos olhares atentos se voltam às publicações de livros realizadas por adolescentes e para adolescentes.

O recorte de análise que aqui estabelecemos é um dos muitos exemplos que podemos apresentar neste cenário atual. Diferente daquilo o que fora profetizado pelos apocalípticos do digital, os quais acreditavam que o advento da grande rede resultaria no fenecimento do livro, o que percebemos é um estímulo cada vez maior para a produção e o consumo de Literatura. O



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

livro, objeto de consumo e desejo, é partícipe do processo de formação de adolescentes internautas os quais buscam, por meio da produção literária contemporânea, oportunidades de catarse e autocompreensão. E a Literatura impressa tem se mostrado um dos caminhos para que esses movimentos possam se estabelecer, comprovando que ainda estamos muito longe de presenciar o fim do livro, do leitor ou da Literatura – de todas e muitas formas e formatos.

Referências

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. **O livro nos tempos de #likes**: transfigurações na literatura brasileira contemporânea. 239 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

FIGUEIREDO, Christian. **Eu fico loko**: as histórias que tive medo de contar. São Paulo: Novas Páginas, 2015.

LIMA, Nádia Laguárdia de. **A escrita virtual na adolescência**: uma leitura psicanalítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Porto Alegre: Editora 34, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.